

MAKUNAIMÃ MORÎ MAI

PALAVRAS BELAS DE MAKUNAIMÃ



F
•
S
F
•
R
•

Trudruá Dorrico

**Caderno de atividades
e expansão de repertório**

Luísa Saad e Silvana Oliveira

AUTORIA

Luísa Saad e Silvana Oliveira

LIVRO

Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã

AUTORA

Trudruá Dorrico

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Juliana de A. Rodrigues

ASSISTENTE EDITORIAL

Millena Machado

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Página Viva



[2026]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Fósforo

Rua 24 de Maio, 270/276

10º andar, salas 1 e 2 — República

01041-001 — São Paulo, SP, Brasil

Tel: (11) 3224.2055

contato@fosforoeditora.com.br

www.fosforoeditora.com.br

Sumário

- 4 Carta aos educadores e mediadores
- 5 Contextualização da obra e da autora
- 6 *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã*: uma obra para trabalhar questões relacionadas à trajetória histórica e cultural dos Makuxi
- 7 A importância da leitura de obras literárias na escola e nas bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias)
- 7 Sugestões de exploração da obra
- 9 Ideias para trabalhar com os estudantes
- 9 Propostas de atividades
 - 9 PROPOSTA DE ATIVIDADE I
Gênero: poema na literatura indígena
 - 10 PROPOSTA DE ATIVIDADE II
A língua também é abrigo
 - 11 PROPOSTA DE ATIVIDADE III
Exposição: designer da linguagem indígena
- 12 Propostas de projetos
 - 12 PROPOSTA DE PROJETO I
Cultura viva
 - 12 PROPOSTA DE PROJETO II
Comunidade
- 13 Materiais complementares
- 17 Bibliografia comentada
- 18 Referências bibliográficas



Carta aos educadores e mediadores

Caro(a) Educador(a)/Mediador(a),

*Toosh toosh*¹

Este material foi elaborado com a finalidade de orientar o trabalho em salas de aula, de leitura e em bibliotecas com o livro *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã*, de Trudruá Dorrico. Assim, pretendemos colaborar com educadores e mediadores empenhados em fazer do ato da leitura uma ferramenta de reflexão e aprendizagem do mundo e de si mesmo.

Tornar a leitura um hábito na rotina dos participantes e dos estudantes é tarefa árdua e um desafio, mas também um grande prazer para nós profissionais da educação. Por meio da leitura, eles poderão adentrar em universos até então desconhecidos, nem sequer imaginados, e conhecer nas páginas do livro outras culturas e novas formas de ver/refletir/pensar a realidade.

Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã proporciona essa oportunidade. Além de apresentar o universo dos textos poéticos em detalhes, Trudruá Dorrico traz à tona vozes e visões indígenas, nos convidando a refletir sobre a riqueza temática, histórica e cultural contida em seus poemas.

São 21 poemas e duas histórias makuxis — *pandoni* — que tratam de questões relacionadas aos povos indígenas, tais como identidade, ancestralidade, tradições, luta e resistência.

A obra contribui para a formação leitora de crianças e jovens ao apresentar práticas de linguagem associadas a vários campos de atuação, em especial ao literário indígena. Dessa forma, os leitores são capazes de reconhecer produções literárias — e entre elas os poemas — como patrimônio artístico da humanidade.²

Por meio das “palavras belas de Makunaimã”, Trudruá Dorrico nos convida a entrar em contato com o mundo dos povos originários — em especial o dos Makuxi —, e fruir da experiência da leitura literária indígena.

Desejamos que as sequências didáticas a seguir contribuam com seu fazer pedagógico em ambientes educativos. Por fim, ressaltamos que as atividades e os projetos propostos são sugestões que poderão ser alteradas e/ou adaptadas conforme a sua realidade e a dos participantes. Bom trabalho! *Inna, mori pe man!*³

Luísa Saad
Silvana Oliveira

1. Forma de anunciar que está chegando, expressão em língua makuxi.

2. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Língua Portuguesa (EF15LP15): Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

3. Expressão em língua makuxi: “Sim, está bom, sim, é isso, vamos lá!”.



Contextualização da obra e da autora

A OBRA

*Assim como meus antepassados pedem licença para entrar na mata,
peço licença para entrar na terra da poesia com a literatura indígena* (p. 8).

Escrito por Trudruá Dorrico — pertencente à etnia Makuxi e descendente do pajé Makunaîmi —, o livro *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã* apresenta 21 poemas e duas *pandoni*, isto é, histórias antigas que sobreviveram através da oralidade e que carregam conhecimentos sagrados e científicos para explicar formas, texturas, sentimentos e relações que permeiam o mundo.

Com linguagem poética e crítica, a poeta propõe uma história com vozes e visões ancoradas na experiência indígena, resgatando a memória e a tradição por meio de poemas que podem ser lidos, relidos, recitados, meditados ou estudados infinitamente, sem, no entanto, esgotar seu ineditismo, prazer e encanto.

Voz ativa na defesa dos povos indígenas e de suas expressões culturais e artísticas, Trudruá Dorrico apresenta em cada verso a sua ancestralidade e identidade, além de destacar as memórias de seu povo, que resiste aos desafios da colonização.

Consciente de seu pertencimento Makuxi, a autora utiliza a escrita poética e a crítica literária para apresentar a produção indígena, especialmente a da mulher indígena. Ela busca uma retomada, tanto estética quanto política, ao reescrever a história da perspectiva indígena e da subjetividade feminina.

Em *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã*, os poemas celebram a cultura, a língua e as tradições do povo Makuxi, com destaque para a conexão com a natureza, ancestralidade e resistência cultural, como é possível observar no poema “Comunidade”:

Rezando a terra
cantando os bichos
batendo as plantas

Dançando de pés descalços
com saias de fibras
— nas serras e nos lavrados
Habitando em casas de palha e barro
— ancestrais

Comendo damorida
bebendo pajuaru, caxiri e mocoioró

Assim “caminhamos em direção ao futuro
na trilha de nossos antepassados” (p. 34)

Como uma homenagem aos ancestrais e ascendentes, a obra pretende, ainda, ressignificar Makunaimã — filho do Sol e responsável pela criação da natureza —, que foi estigmatizado pela obra *Makunaimã, o herói sem nenhum caráter* (1928), do escritor modernista Mário de Andrade (1893-1945).

Makunaimã faz parte do panteão do povo Makuxi e está vinculado à história do Monte Roraima. Considerado uma divindade — herói ancestral —, seus feitos e suas lendas estão profundamente enraizados na cultura e na cosmovisão dos Makuxi, com forte conexão com a terra, os ancestrais e os espíritos.

Essas são as “palavras belas de Makunaimã”. Como no poema “Ritual de iniciação”, “peço licença pra sair destes poemas”.

A AUTORA

Minha poesia tem um caráter muito narrativo, eu quero contar uma história. (Dorrigo, 2023)

Trudruá Dorrigo, ou Julie Dorrigo, nasceu em Guajará-Mirim (RO), em 1990, e é descendente do povo Makuxi. É poeta, artista, curadora, palestrante e pesquisadora de literatura indígena, com mestrado em estudos literários e doutorado em teoria literária. Ainda na infância, descobriu seu amor pelos livros, tornando-se uma leitora assídua, e logo percebeu a ausência da literatura indígena em sua escola.

Dorrigo faz parte da geração de pensadores indígenas que se dedicam ao reconhecimento e à valorização do protagonismo da literatura indígena contemporânea brasileira. Ela tem atuado para difundir a cultura de diversas etnias que habitam nosso país. Além de se dedicar à produção literária, colabora ativamente com o meio acadêmico, colecionando trabalhos e artigos publicados e participações em eventos científicos. Também vem ministrando palestras sobre a literatura indígena no Brasil.

Como curadora de literatura indígena, Dorrigo atuou, em 2021, no Museu do Índio (UFU), na Balada Literária e na *websérie Leia autoras indígenas*. Foi jurada do prêmio São Paulo de Literatura em 2022 e é colunista do portal Ecoa/Uol. Em 2019, seu livro *Eu sou Macuxi e outras histórias* (Caos e Letras, 2019) recebeu o prêmio Tamoios de Textos de Escritores Indígenas concedido pela FNLIJ em parceria com o Instituto UKA.

Para saber mais sobre a atuação de Trudruá Dorrigo, que integra a coordenação do Grupo de Estudo em Memória e Teoria Indígena (GEMTI) e é membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), ocupando a cadeira nº 266, visite os perfis @leiamulheresindigenas e @leiaautoresindigenas, no Instagram, e o canal Literatura Indígena Contemporânea, no YouTube, onde difunde a literatura indígena contemporânea para um público amplo.

Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã: uma obra para trabalhar questões relacionadas à trajetória histórica e cultural dos Makuxi

Ao dialogar com a etnografia, o testemunho histórico, a resistência política e o ativismo socioambiental, a literatura produzida por representantes contemporâneos dos povos ancestrais tem se destacado nos últimos anos como importante corpus de “criação literária”.

A poesia em *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã* cumpre essa função ao apresentar a cosmovisão do povo Makuxi, revelando-se uma oportunidade para a discussão de questões relacionadas à trajetória histórica e cultural indígena em ambientes educativos.

Na obra, que alterna a língua portuguesa com o *macuusi maimu* — a língua makuxi, de tronco linguístico karib —, a autora recomenda “reconhecer os povos indígenas e a cultura da terra é um caminho para os brasileiros [...] enfim se reconhecerem como natureza, nossa primeira constituição (não) humana” (p. 6).

Nesse sentido, o trabalho com o livro é fundamental para a construção do sujeito, ao ampliar a compreensão de mundo, promover a reflexão sobre outros povos e culturas e, ainda, colaborar na formação do leitor literário, conforme recomendado na BNCC:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (2017, p. 87).

A importância da leitura de obras literárias na escola e nas bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias)

A leitura de obras literárias nas escolas e bibliotecas é muito importante para o crescimento de cada pessoa e da sociedade como um todo. Essa prática ajuda a formar leitores mais habilidosos e cidadãos mais críticos e conscientes, tornando-os comunicadores melhores, ouvintes atentos e escritores inventivos. Por meio da literatura, podemos descobrir novas ideias, entender diferentes realidades e melhorar nossa capacidade de interpretar e nos expressar. Isso é fomentado ainda mais com a leitura de poesia, em que recursos de diferentes naturezas produzem efeitos de sentido para se alcançar uma dimensão imagética. Além disso, o gênero estimula a exploração do mundo e o compartilhamento de nossas experiências de maneira verdadeira e original.

E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem a renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas [...] pela ficção (Cosson, 2022, p. 17).

Ler é um exercício constante de descoberta e crescimento, capaz de provocar reflexões profundas, transformar percepções e ampliar horizontes. A leitura de *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã* é significativa para esse processo, ao oferecer aos leitores poemas que vão revelando as complexidades da realidade indígena. A literatura se afirma como um espaço de denúncia, resistência e crítica, e convida o leitor a repensar sua posição no mundo e a desenvolver uma consciência mais sensível e engajada diante das injustiças sociais.

Convém ressaltar dois aspectos sobre a leitura, em especial de obras literárias:

1. A importância da interação entre educador(a) mediador(a)-participante e participante-participante: A troca entre esses atores envolve aspectos particulares, como a sensibilização para o ato de ler, a fruição natural, o manuseio do objeto-livro, o envolvimento com o conteúdo, as hipóteses e os sentidos dados pelos leitores e as reações diante das surpresas que o livro oferece, entre outras que contribuem para a educação literária.
2. O envolvimento da família na educação das crianças, isto é, literacia familiar: É muito importante o trabalho conjunto entre educador/mediador e família, para que as práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita — vivenciadas pelas crianças e jovens com seus pais ou cuidadores — fortaleçam os laços afetivos e promovam a literacia.

Para saber mais sobre práticas da literacia familiar, acesse o guia *Conta pra mim*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mv35az5b>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

Sugestões de exploração da obra

EM CONTEXTOS ESCOLARES

Sempre que trabalhamos com obras literárias em ambientes educativos, é essencial estimular a leitura autônoma dos participantes, pois ela favorece uma relação mais íntima e significativa entre o leitor e o texto. Os poemas e as *pandoni* presentes em *Makunaimã mori mai: palavras belas de*

Makunaimã — com sua riqueza simbólica e narrativa enraizada na tradição indígena — oferecem uma valiosa oportunidade para promover o letramento literário, ao mesmo tempo que possibilita reflexões sobre identidade, diversidade cultural, oralidade e ancestralidade.

A abordagem mítica e poética da autora permite aos participantes e aos estudantes explorarem diferentes formas de expressão e interpretação, ampliando a compreensão sobre os saberes indígenas e a complexidade de seus mundos. Assim, a obra se apresenta como um potente recurso pedagógico para desenvolver a sensibilidade, o respeito à diversidade e a valorização das culturas originárias. Isso porque,

os livros [...] jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. [...] No ambiente escolar, a literatura é um locus de conhecimento. [...] A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração (Cosson, 2022, p. 26-27).

A seguir, algumas estratégias para explorar o livro em ambientes escolares:

Declamação: Organize momentos para leitura em voz alta dos poemas e das *pandoni*, orientando os participantes sobre as características da declamação de poema: entonação, postura e interpretação adequadas.

Leitura compartilhada e análise da obra: Selecione poemas e/ou *pandoni* e realize a leitura compartilhada para promover a discussão dos temas em destaque. Essa vivência pode favorecer a troca de experiências entre os participantes e fortalecer a noção de pertencimento, a escuta e a capacidade de análise crítica.

Escrita autônoma e criativa: Utilize os temas abordados na análise da obra para produção de textos em versos, explorando rimas, imagens poéticas (sentidos figurados), sons e jogos de palavras.

Exploração de recursos naturais e sustentabilidade: Aborde a relação dos povos originários com a natureza e a sustentabilidade. Proponha atividades que explorem essa temática e que possam ser realizadas no ambiente escolar, como cultivo de horta, uso de garrafas reutilizáveis, descarte correto do lixo, entre outras.

EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS

A exploração da obra em bibliotecas públicas e comunitárias pode ser um caminho valioso para refletir sobre questões fundamentais como identidade, pertencimento, resistência e valorização dos saberes indígenas por meio da linguagem poética. Ao apresentar uma narrativa baseada na cultura do povo Makuxi, os poemas e as *pandoni* provocam o leitor a repensar os modos de vida impostos pela colonização e a reconhecer a diversidade cultural como um pilar da sociedade brasileira. Levar essa obra a espaços de leitura coletiva amplia o acesso a vozes muitas vezes silenciadas e reforça a importância da literatura como instrumento de preservação cultural e crítica social. Seguem sugestões para a exploração da obra em bibliotecas públicas e comunitárias:

Leitura compartilhada: Promova encontros para leitura de poemas e/ou *pandoni* selecionados para promover a discussão e a reflexão sobre a cultura e as tradições dos Makuxi.

Roda de conversa: Organize uma roda de conversa convidando um professor das áreas de História ou Língua Portuguesa para dialogar com o grupo acerca da importância das línguas indígenas no Brasil, pois são a base da transmissão do conhecimento, das tradições e da visão de mundo desses povos, além de serem um patrimônio cultural e linguístico do país.

Espaço indígena: Proponha a criação de um espaço para um ambiente indígena permanente, que pode incluir exposições de artefatos, murais (fotos, lendas, narrativas, personalidades/lideranças), biblioteca e cinemateca temáticas, entre outros recursos que celebrem e respeitem a cultura indígena.

Ideias para trabalhar com os estudantes

Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã é uma obra muito interessante para a leitura e discussão com estudantes em escolas e bibliotecas. A linguagem poética e a narrativa sensível, além da riqueza temática e o cuidado estético, conduzem o leitor ao universo do povo Makuxi, convidando-o a conhecer a luta e a resistência dos povos originários na contemporaneidade. Dessa forma, tanto a temática como o gênero poema permitem diversas reflexões com os leitores.

Ao reconhecermos os povos indígenas em seus territórios ancestrais, observamos a importância da conscientização sobre a conservação tanto do planeta, quanto da língua e da tradição. Assim, é possível fortalecer e manter presentes a identidade e a ancestralidade Makuxi. O livro pode ser explorado em atividades ou projetos interdisciplinares que envolvam:

Língua Portuguesa: contação de histórias e lendas indígenas; produção de textos (em verso e prosa) ou roteiros de peças teatrais; resenha de filmes ou resumos de obras sobre os povos originários; leitura e análise de livros de autores indígenas.

Arte: criação de peças artísticas inspiradas na cultura indígena; encenação de histórias e lendas indígenas, com personagens e cenários; criação de ilustrações e desenhos inspirados nas narrativas dos povos originários.

História e Geografia: Debate sobre os estereótipos indígenas, a importância da preservação das culturas dos povos originários e os desafios que enfrentam na atualidade, de forma a estimular a reflexão a respeito da relação entre indígenas e a natureza, a importância da sustentabilidade.

Bibliotecas escolares e comunitárias: rodas de leitura e/ou oficinas de escrita criativa.

Visitas e trocas: se for possível, organize visitas a aldeias indígenas ou convide membros de comunidades indígenas para compartilhar experiências e conhecimentos. Você pode ainda realizar trocas de experiências com outras escolas e comunidades, promovendo a diversidade cultural e a valorização das culturas indígenas.

Propostas de atividades

PROPOSTA DE ATIVIDADE I

Gênero: poema na literatura indígena

As atividades sugeridas a seguir podem auxiliar o educador/mediador a preparar diversos espaços de leitura da obra que promovam a fruição literária, o desenvolvimento de competências e práticas de linguagem diversificadas, individuais e coletivas e, ainda, a valorização do texto poético — poema — como manifestação artístico-cultural com potencial transformador e humanizador da experiência literária.



1. Escreva no quadro a palavra “POEMA”. Converse com a turma e explore os significados desse termo para os participantes. Você pode orientar a conversa a partir das seguintes questões:

- O que sabem sobre essa palavra?
- O que diferencia um poema de outros tipos de texto, como uma história ou uma notícia?
- Quais partes um poema geralmente apresenta (versos, estrofes, rimas)?
- Você já escreveu um poema? Como foi a experiência?

Vale a pena ressaltar ao grupo que o poema é a forma física que a poesia assume, enquanto a poesia é a essência que permeia o poema, ou seja, o poema se refere a uma estrutura textual (“corpo”) e a poesia está relacionada ao conteúdo do texto (“alma”).

2. No Brasil, o Dia Nacional da Poesia é comemorado a 31 de outubro. Essa data foi instituída pela Lei nº 13.131, de 3 de junho de 2015, e é uma homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que nasceu nesse dia.

Proponha aos participantes a Hora do Poema, ou seja, um momento em que eles possam realizar atividades relacionadas a esse gênero literário, como a leitura dramatizada, reflexão sobre a temática, ilustração, entre outras.⁴

3. Entre os poemas, *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã* apresenta duas narrativas: “*Apo’ Pandoni*” (História do fogo) e “*Maikan morobai auronopî pandoni*” (História de menina-moça e a raposa). Convide os participantes a realizar a dramatização e a encenação de uma das *pandoni*, ou seja, eles deverão adaptar o texto para uma encenação e realizarem a apresentação, se possível, para a comunidade escolar.

PROPOSTA DE ATIVIDADE II

A língua também é abrigo

Em *Makunaimã mori mai: palavras belas de Makunaimã*, a autora alterna a língua portuguesa com o *macuusi maimu* — a língua Makuxi —, por isso ao final da obra consta o glossário “*Maimu-Português*”. Para a poeta, a língua é mais que comunicação, representa também identidade, abrigo e conforto, o que pode ser observado no poema “Língua” e na última estrofe de “Abrigo”:

Quando você me dá bom dia
na sua e em outras línguas
e vai falando sobre qualquer coisa
Eu sei que você também é meu abrigo (p. 35)

1. Convide o grupo para uma leitura coletiva do “*Maimu-Português*”. Na sequência, proponha a criação de um glossário, por exemplo, “Vozes Indígenas”. Os participantes deverão pesquisar palavras indígenas presentes em nosso cotidiano. Essa pesquisa pode ser realizada em livros, fontes confiáveis na *internet* ou por meio de consulta à família.⁵ Agende uma data para a entrega da pesquisa.

4. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Língua Portuguesa (EF35LP23): Appreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido.

5. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Língua Portuguesa (EF15LP05): Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.



2. Na data agendada, peça ao grupo que apresente o conteúdo pesquisado. Aproveite a oportunidade e converse com eles sobre a correlação entre repertórios culturais e linguísticos. No Brasil e no mundo, existem muitas línguas ameaçadas de extinção, e o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura.

3. Ao fim da atividade, proponha a construção do glossário, por exemplo, em papel-cartão, a ser afixado na sala de aula, na sala de leitura ou na biblioteca escolar.⁶

PROPOSTA DE ATIVIDADE III

Exposição: designer da linguagem indígena⁷

No poema “Grafismo”, a autora apresenta uma profunda reflexão a respeito de pintura corporal, que faz parte da identidade cultural dos povos originários.

1. Convite os participantes a ler o poema “Grafismo” e pergunte a eles o que sabem sobre o grafismo indígena. Promova uma roda de conversa, na qual todos possam compartilhar seus conhecimentos e aprendizagens.

O grafismo indígena é uma forma de expressão artística, visual e comunicativa presente entre diversos povos indígenas no Brasil e em outras partes do mundo. Ele se manifesta por meio de padrões geométricos, linhas, cores e formas que aparecem em pinturas corporais, cerâmicas, tecidos, objetos artesanais e outras expressões culturais.

2. Depois dessa conversa, leia com o grupo o poema “Ritual para esquecer”. Oriente-os a observar as imagens que ilustram a estrofe II e os incentive a nomear essas figuras: O que representam? Que sentidos acrescentam ao poema? Quais as intenções da autora com essas ilustrações?⁸

3. Solicite aos participantes que se organizem em pequenos grupos. Cada equipe deve escolher um poema ou uma *pandoni* e elaborar uma ilustração com padrões inspirados no grafismo indígena.

Saiba mais sobre grafismo indígena em: *Pinturas indígenas e seus significados* (Disponível em: <<https://tinyurl.com/2tvus95u>>. Acesso em 21 jul. 2025).

4. Organize uma exposição dos poemas ilustrados, exibindo as produções realizadas, bem como os produtos de cada etapa das atividades: registros feitos no momento das discussões e das ilustrações poéticas, os rascunhos e/ou primeiros traços e, se possível, as impressões dos participantes-ilustradores — depoimentos em vídeos e/ou escritos em quadros/painéis.⁹

Toda a produção deve ser apreciada e valorizada, pois envolve processos interpessoal e intertextual. Por isso, a exposição dos trabalhos uma etapa importante do aprendizado.

Além de valorizar o trabalho realizado, uma exposição como essa também pode despertar na comunidade escolar a curiosidade para conhecer mais o gênero poema, em especial aqueles que tratam de questões relacionadas aos povos originários e/ou de autoria de poetas indígenas.

6. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Língua Portuguesa (EF05LP25): Planejar e produzir, com certa autonomia, verbetes de dicionário, digitais ou impressos, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

7. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Competências Específicas de Linguagem: Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

8. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Língua Portuguesa (EF15LP18): Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

9. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Arte (EF15AR05): Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

Propostas de projetos

PROPOSTA DE PROJETO I

Cultura viva

Convocar a comunidade a reconhecer, valorizar e incorporar no cotidiano os saberes, as tradições, as línguas, as artes e os modos de vida dos povos indígenas é um gesto de respeito, reparação histórica e construção de um futuro mais justo e plural. Trata-se de promover uma verdadeira retomada cultural, em que as vozes indígenas não sejam apenas lembradas em datas comemorativas, mas celebradas e ouvidas como parte essencial da identidade brasileira. Significa reconhecer que os povos originários não pertencem apenas ao passado, mas estão vivos, atuantes e têm muito a ensinar sobre formas sustentáveis de existir, de cuidar da terra, da coletividade e da espiritualidade. Essa retomada é, sobretudo, um convite à transformação do olhar, à escuta atenta e à valorização da sabedoria ancestral que pulsa no presente.

No poema “Retomada, capítulo 2025”, compreendemos que a história dos povos indígenas não se limita ao passado — ela pulsa no presente. A proposta de “retomada” é um gesto de reconstrução de vínculos com territórios físicos, culturais e afetivos que foram apagados pela colonização. Valorizar a cultura indígena, portanto, deve ser uma ação constante, coletiva e crítica.¹⁰

1. Como desdobramento dessa reflexão, proponha aos participantes uma investigação acerca da cultura indígena em nosso cotidiano, que muitas vezes está presente de forma invisibilizada. Convide-os a observar, ao longo de alguns dias, elementos de origem indígena que fazem parte de suas vidas: palavras incorporadas ao vocabulário, como pipoca, abacaxi, jacaré; alimentos, como mandioca, beiju e açaí; costumes relacionados à natureza; nomes de lugares; práticas medicinais populares e narrativas tradicionais.¹¹

2. Depois desse levantamento, os participantes deverão compartilhar suas descobertas por meio da confecção de cartazes e da montagem de um mural coletivo. Dessa forma, todo o espaço escolar poderá conhecer e valorizar ainda mais a presença da cultura indígena em nosso cotidiano.

PROPOSTA DE PROJETO II

Comunidade

Investigar e reconhecer a presença indígena no estado ou região em que vivemos é uma forma essencial de valorizar a diversidade cultural que compõe o Brasil e, ao mesmo tempo, desconstruir estereótipos que limitam a compreensão sobre os povos originários.

1. Leia com a turma o poema “Comunidade”, propondo um debate com o tema: “Quem são, onde habitam e como vivem os povos indígenas no Brasil?”. Em seguida, proponha que os participantes pesquisem sobre os povos originários que vivem ou viveram na região, identificando línguas, expressões artísticas, tradições, formas de organização social, modos de vida e também suas lutas históricas e atuais.¹²

10. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, História (EF05H08): Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

11. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Arte (EF15AR25): Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

12. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, História (EF05H01): Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Os participantes deverão identificar quais comunidades indígenas existem atualmente em sua localidade, onde estão situadas, quais línguas falam, suas tradições culturais e seus modos de vida. Além disso, devem investigar o protagonismo contemporâneo desses povos, buscando conhecer artistas, escritores, músicos, líderes comunitários, professores ou outras figuras indígenas que atuam na região, contribuindo com a arte, a cultura, a educação e a luta pelos direitos dos povos originários.¹³

2. O trabalho pode ser apresentado por meio de maquetes, cartazes, objetos, imagens ou vídeos que representem os elementos culturais identificados. Os participantes podem montar pequenas estações temáticas explicativas, permitindo que os visitantes interajam com os conteúdos, conhecendo mais sobre as contribuições indígenas de forma sensível e participativa.

Materiais complementares

DOCUMENTO

Cartilha de cooficialização de língua indígenas

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) valoriza a diversidade cultural como parte fundamental dos multiletramentos, reconhecendo a importância de contemplar diferentes formas de expressão e conhecimento. Isso inclui desde o cânone literário até manifestações culturais populares, midiáticas, digitais, infantis e juvenis, promovendo o contato com o diferente e ampliando o repertório dos participantes sem recorrer a classificações limitadoras.

Além da diversidade cultural, o Brasil abriga um vasto patrimônio linguístico, com mais de 250 línguas faladas, entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas, afro-brasileiras e variações do português. Embora muitas dessas línguas sejam desconhecidas pela maioria da população, há um movimento crescente pelo reconhecimento dos direitos linguísticos. Alguns municípios já cooficializaram línguas indígenas — tukano, baniwa, nheengatu, akwe xerente, guarani, macuxi — e de imigração — talian, pomerano, hunsrickisch — e existem iniciativas como publicações, peças, filmes e programas de rádio em diferentes línguas, além de programas de educação bilíngue.

RUBIM, Altaci Corrêa (org.). **Cartilha de cooficialização de língua indígenas**. Brasília: Ed. dos Autores, 2024. Disponível em: <<https://tinyurl.com/m4k828tg>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

DOCUMENTÁRIOS

Macuxi: o povo que vive em Roraima (Lei nº 11.645/08)

O documentário apresenta os Macuxi, uma população indígena sul-americana, situados na região Circum-Roraima, cujo ponto “zero” é o Monte Roraima. O povo conta com aproximadamente 33 mil habitantes em 144 aldeias nas proximidades do Rio Branco.

MACUXI: o povo que vive em Roraima (Lei nº 11.645/08). [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (7min40s). Publicado pelo canal Escolalocse. Classificação indicativa: não definida. Disponível em: <<https://tinyurl.com/5f9bhbz4>>. Acesso em: 25 julho 2025.

13. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental — Anos Iniciais, Geografia (EF05GE02): Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.

Raposa Serra do Sol: o documentário da terra indígena Macuxi

Documentário sobre o povo Macuxi, com destaque para suas tradições e culturas.

RAPOSA Serra do Sol: o documentário da terra indígena Macuxi. Direção: Camila Dall'agnol. Produção: Priscila Araújo e Willians Dias. Brasil. Classificação indicativa: não definida. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (41min24s). Publicado pelo canal Roraima Top d+. Disponível em: <<https://tinyurl.com/zuejtsm7>>. Acesso em: 25 julho 2025.

LEIS

Constituição Federal de 1988

O artigo 231 estabelece que as comunidades indígenas têm direitos próprios, e que o Estado deve proteger e preservar os seus direitos culturais, sociais, econômicos e territoriais. Isso cria um ambiente legal que permite que a filosofia do suficiente, com sua ênfase na vida comunitária, na relação com a natureza e na subsistência, seja praticada.

BRASIL. artigo nº 231, de 1998. CAPÍTULO VIII – Dos Índios. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1988. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mr3rrhte>>. Acesso em: 25 julho 2025.

Lei nº 6.001/1973 (Estatuto do Índio)

Esta lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional.

BRASIL. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 13177, 21 dez. 1973. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3cttb3bd>>. Acesso em: 25 julho 2025.

Lei nº 9.836/1999

Acrescenta dispositivos à Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1999, que “dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências”, instituindo o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena.

BRASIL. Lei nº 9.836, de 23 de setembro de 1999. Acrescenta dispositivos à Lei no 8.080, de 19 de setembro de 1990, que “dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências”, instituindo o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 24 set. 1999. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mtn7269f>>. Acesso em: 25 julho 2025.

Lei nº 14.402/2022

Institui o Dia dos Povos Indígenas.

BRASIL. Lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022. Institui o Dia dos Povos Indígenas e revoga o Decreto-Lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 6, 8 jul. 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3rd4ppep>>. Acesso em: 25 julho 2025.

Decreto nº 6.861/2009

Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. Decreto nº 6.861 de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 23, 28 maio 2009. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3f4vx3zs>>. Acesso em: 25 de julho 2025.

LENDA

Lenda de Macunaíma

A lenda de Macunaíma é uma figura central na cultura indígena, especialmente no contexto do Monte Roraima e da tribo Macuxi. Macunaíma é apresentado como um guerreiro forte, justiceiro e protetor da Árvore de Todos os Frutos. A história de Macunaíma envolve a lenda da árvore que produzia diversos tipos de frutos e a sua proteção por parte do herói.

LIVROS

Tempo de retomada, de Trudruá Dorrico

O livro serviu de inspiração e tema da apresentação do Boi Caprichoso, no Festival de Parintins (AM), em 2025. Ele foi escolhido por ser um chamado urgente à preservação do planeta e à valorização das raízes culturais.

| DORRICO, Trudruá. **Tempo de retomada**. São Paulo: Autêntica, 2025.

Saiba mais em: Obra de Trudruá Dorrico é tema do “Boi Caprichoso” em Parintins 2025. Flitabira. G1. Disponível em: <<https://tinyurl.com/nhrbfusc>>. Acesso em: 25 julho 2025.

Coisas de índio, de Daniel Munduruku

Apresentando um belo panorama da cultura indígena através de uma escrita clara, envolvente e muito interessante, *Coisas de índio* é um ótimo livro para conhecimento e pesquisa, contendo informações ricas.

| MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio – versão infantil**. 3. ed. São Paulo: Callis, 2019.

Kabá Darebu, de Daniel Munduruku

O livro resgata elementos culturais e mitológicos dos povos originários, promovendo o respeito à diversidade e o reconhecimento da identidade indígena desde cedo.

| MUNDURUKU, Daniel. **Kabá Darebu**. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

Meu lugar no mundo, Sulami Katy

O livro traz reflexões sobre identidade indígena e diferenças culturais, a partir da autobiografia do autor, que saiu de seu território e chegou a São Paulo, onde vai exaltar a cultura potiguara marcada pela natureza, rituais sagrados e palavras sábias do pajé.

| KATY, Sulami. **Meu lugar no mundo**. Ilustrador: Fernando Vilela. São Paulo: Ática, 2005.

MUSEU

Museu das Culturas Indígenas

Localizado em São Paulo, o Museu das Culturas indígenas é um espaço privilegiado para conhecer e aprender sobre a riqueza e a diversidade das culturas indígenas brasileiras.

| MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS. [Site institucional]. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v27bj827>>. Acesso em: 25 de julho 2025.

MÚSICAS

Djuena Tikuna

É uma artista que produz canções que expressam uma conexão profunda com suas raízes, sua terra e seu povo. Por meio de uma melodia sensível e versos marcados pela emoção, Djuena transmite a dor da distância e o desejo de retorno à aldeia, lugar de pertencimento, memória e identidade. A música também é uma forma de resistência cultural, reafirmando a importância da ancestralidade e do vínculo com o território para os povos indígenas.

“Minha força”, de Kaê Guajajara

Um poderoso manifesto de resistência, ancestralidade e afirmação da identidade indígena. Com uma mistura de rap, batidas contemporâneas e referências culturais de seu povo, Kaê celebra a força herdada dos ancestrais e denuncia as violências históricas sofridas pelos povos originários. A letra reforça a importância do orgulho indígena, da luta coletiva e da reconexão com as raízes como fonte de poder e transformação.

MINHA FORÇA. Intérpretes: Canário Negro, Kaê Guajajara e Nelson D. Compositores: Canário Negro e Kaê Guajajara. In: Wiramiri. Intérprete: Kaê Guajajara. CD (2m28s).

“Não sou índio pra gringo ver”, de Edivan Fulni-ô

Através da música, Edivan afirma uma identidade vibrante e multifacetada, reafirmando o direito de ser indígena sem abrir mão de outras facetas da própria personalidade.

NÃO SOU ÍNDIO PRA GRINGO VER. Intérprete: Edivan Fulni-ô. Compositor: Edivan Fulni-ô. In: Não Sou Índio pra Gringo Ver. Intérprete: Edivan Fulni-ô. 2021. CD (5m01s).

PODCASTS

Ouvindo Literatura: “O que aprender com a natureza, de Daniel Munduruku”

Nesse episódio, Munduruku convida os ouvintes a refletirem sobre a relação profunda entre os seres humanos e a natureza, ressaltando como os elementos naturais são fontes de sabedoria ancestral, equilíbrio e bem-viver.

OUVINDO LITERATURA: O que aprender com a natureza, de Daniel Munduruku. [Locução de]: Daniel Munduruku. Alegrete: Ouvindo Literatura – Biblioteca Municipal Mário Quintana, 17 abr. 2020. Podcast. (4min22s). Disponível em: <<https://tinyurl.com/ymt5ymhw>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

Ouvindo Literatura: “Índio eu não sou — Márcia Wayna Kambeba”

A autora explora de forma sensível e incisiva as questões da identidade, pertencimento e marginalização — refletindo sobre o que significa afirmar a própria existência em um país que ainda insiste na invisibilização indígena. Com uma linguagem poética intensa, o poema convida o ouvinte a questionar rótulos impostos e a reconhecer a complexidade e a riqueza da identidade indígena na contemporaneidade.

OUVINDO LITERATURA: *Índio eu não sou*, de Márcia Wayna Kambeba. [Locução de]: Márcia Wayna Kambeba. Alegrete: Ouvindo Literatura – Biblioteca Municipal Mário Quintana, 11 maio 2020. Podcast. (2min15s). Disponível em: <<https://tinyurl.com/yc76kwj9>>. Acesso em: 25 julho 2025.

Bibliografia comentada

BARBOSA, Jacqueline; ROJO, Roxane. Campos de atuação, letramentos e gêneros na BNCC. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; LOUSADA, Eliane (Org.). **Gêneros de texto/discurso**: novas práticas e desafios. Campinas: Pontes, 2019.

As autoras abordam a questão da produção científica e a importância da pesquisa nas universidades, o impacto dos gêneros discursivos e a questão dos multiletramentos em sala de aula.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. 13. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022.

A obra tem como objetivo rever, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura apresentando relatos exitosos mostrando que é possível fazer do letramento literário uma prática significativa no contexto escolar.

DI GIACOMO, Fred. “Quando me descobri indígena”, conheça a escritora Julie Dorrico. Ecoa UoL. São Paulo, 4 jun. 2020. Disponível em: <<https://tinyurl.com/4fbun6rb>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

Nesta coluna, Fred Di Giacomo propõe um espaço para refletir, investigar e divulgar o trabalho de artistas do interior, sertões, pampas e florestas que se encontram longe demais de grandes capitais.

DORRICO, Julie *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2bybt29c>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

A obra, organizada por leitores e admiradores da cultura indígena brasileira, compõe-se de textos fundamentais para dinamizar a diversidade da pesquisa em torno da produção indígena, seja literária, seja em termos de recepção crítica.

KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

As autoras compartilham, de forma didática, as estratégias, as técnicas e os recursos que estabelecem “uma ponte entre teorias sobre texto e escrita e práticas de ensino”.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10 3.0**: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2023.

Lemov propõe técnicas práticas para que educadores possam melhorar o ensino e a aprendizagem por meio de aulas mais efetivas e inspiradoras de modo que os estudantes se tornem protagonistas do processo de construção do conhecimento.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3k3mbw4e>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

Documento de caráter normativo, aplicado exclusivamente à educação escolar, que define o conjunto orgânico e progressivo de competências, habilidades e aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, neste caso, em especial, aos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. Tradução: Camila Werner. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.

A autora propõe o debate sobre a literatura infantil e juvenil de qualidade para que, de fato, seja capaz de formar leitores autônomos, conscientizando-os sobre o poder, a voz e a subjetividade dos adultos presentes nas obras literárias.

TRUDRUÁ DORRICO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2vb84vkb>>. Acesso em: 31 de maio de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Verbete contendo informações sobre a vida e a obra de Trudruá Dorrico.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Jacqueline; ROJO, Roxane. Campos de atuação, letramentos e gêneros na BNCC. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; LOUSADA, Eliane (Org.). **Gêneros de texto/discursos**: novas práticas e desafios. Campinas: Pontes, 2019.
- BRASIL. Artigo nº 231, de 1998. CAPÍTULO VIII – Dos Índios. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1988. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mr3r-rhtc>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- BRASIL. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 13177, 21 dez. 1973. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3cttb3bd>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.836, de 23 de setembro de 1999. Acrescenta dispositivos à Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, que “dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências”, instituindo o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 24 set. 1999. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mtn7269f>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- BRASIL. Lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022. Institui o Dia dos Povos Indígenas e revoga o Decreto-Lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 6, 8 jul. 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3r-d4ppec>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- DECRETO Nº 6.861 de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 23, 28 maio 2009. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3f4vx3zs>>. Acesso em: 25 de julho 2025.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. 13. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022.
- DI GIACOMO, Fred. “Quando me descobri indígena”, conheça a escritora Julie Dorrico. Ecoa Uol. São Paulo, 4 jun. 2020. Disponível em: <<https://tinyurl.com/4fbun6rb>>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- DORRICO, Trudruá. **Tempo de retomada**. São Paulo: Autêntica, 2025.
- DORRICO, Julie *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2bybt29c>>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- DORRICO, Trudruá. In: Música, poesia e resistência marcam falas de Trudruá Dorrico e Márcia Kambeba. Notícias. Flitabira, 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/zy-wuuwny>>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- KATY, Sulami. **Meu lugar no mundo**. Ilustrador: Fernando Vilela. São Paulo: Ática, 2005.
- KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.
- LEMOV, Doug. **Aula nota 10 3.0**: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2023.
- MACUXI: O POVO QUE VIVE EM RORAIMA (Lei nº 11.645/08). [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (7min40s). Publicado pelo canal Escolalocse. Classificação indicativa: não definida. Disponível em: <<https://tinyurl.com/5f9bhbz4>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- MINHA FORÇA. Intérpretes: Canário Negro, Kaê Guajajara e Nelson D. Compositores: Canário Negro e Kaê Guajajara. In: Wiramiri. Intérprete: Kaê Guajajara. CD (2m28s).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conta pra mim**: guia de literacia familiar. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mv35az5b>>. Acesso em: 18 julho 2025.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3k3mbw4e>>. Acesso em: 22 jun. 2025. pp. 70-71.
- MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio – versão infantil**. 3. ed. São Paulo: Callis, 2019.
- MUNDURUKU, Daniel. **Kabá Darebu**. São Paulo: Brinquê-Book, 2002.
- NÃO SOU ÍNDIO PRA GRINGO VER. Intérprete: Edivan Fulni-ô. Compositor: Edivan Fulni-ô. In: Não Sou Índio Pra Gringo Ver. Intérprete: Edivan Fulni-ô. 2021. CD (5m01s).
- NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. Tradução: Camila Werner. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- OBRA de Trudruá Dorrico é tema do “Boi Caprichoso” em Parintins 2025. G1. Disponível em: <<https://tinyurl.com/nhrbfusc>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- OUVINDO LITERATURA: O que aprender com a natureza, de Daniel Munduruku. [Locução de]: Daniel Munduruku. Alegrete: Ouvindo Literatura – Biblioteca Municipal Mário Quintana, 17 abr. 2020. Podcast. (4min22s). Disponível em: <<https://tinyurl.com/ymt5ymhw>>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- OUVINDO LITERATURA: *Índio eu não sou*, de Márcia Wayna Kambeba. [Locução de]: Márcia Wayna Kambeba. Alegrete: Ouvindo Literatura – Biblioteca Municipal Mário Quintana, 11 maio 2020. Podcast. (2min15s). Disponível em: <<https://tinyurl.com/yc76kwj9>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- RAPOSA SERRA DO SOL: o documentário da terra indígena Macuxi. Direção: Camila Dall’agnol. Produção: Priscila Araújo e Willians Dias. Brasil, 2023. Classificação indicativa: não definida. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (41min24s). Publicado pelo canal Roraima Top d+. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3uejtsm7>>. Acesso em: 25 julho 2025.
- RUBIM, Altaci Corrêa (org.). **Cartilha de cooficialização de língua indígenas**. Brasília: Ed. dos Autores, 2024. Disponível em: <<https://tinyurl.com/m4k828tg>>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- TRUDRUÁ DORRICO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2vb84vkb>>. Acesso em: 31 maio 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.